ISSN 1413-389X Temas em Psicologia da SBP - 2001, Vol 9 nº 3, 179-186

Pressupostos da "nova" crítica à psicanálise: o revisionismo freudiano e a epistemologia da psicanálise[1]

Ana Maria Rudge
Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro

Resumo

Considera-se que as críticas à psicanálise, no seio do movimento chamado "revisionismo freudiano", têm como pressuposto uma determinada concepção de cientificidade derivada do empirismo lógico. Nesta tradição, o valor da psicanálise é negado com o argumento de que não dispõe de mecanismos de verificação ou falsificação experimentais como os das ciências da natureza. Se o objeto da ciência é considerado como construção e não um dado, a idéia de continuidade entre os vários campos científicos ou de uma unidade metodológica não se sustenta. Cada área do saber tem parâmetros próprios e os diferentes campos científicos ou paradigmas são incomensuráveis. Dentro deste ponto de vista, advoga-se que a psicanálise, como uma prática clínica teorizada, deve ser avaliada por critérios que respeitem sua especificidade epistemológica, ou seja, os efeitos clínicos do tratamento psicanalítico, assim como os impactos da psicanálise na cultura.

Palavras-chave: psicanálise, epistemologia, revisionismo, prática, ciência.

Presuppositions of the "new" criticism to psychoanalysis: freudian revisionism and the epistemology of psychoanalysis

Abstract

The critiques to psychoanalysis from the movement called "Freudian revisionism", presupposes one particular conception of science that is derived from logical empiricism. In this tradition, the value of psychoanalysis is denied with the argument that it does not have the mechanisms of experimental verification or falsification like natural sciences. If the object of science is considered as a rational construction and not as data, however, the idea of continuity between different scientific fields or of a methodological unity does not apply. Each area of knowledge has its own parameters, and the different scientific fields or paradigms are incommensurable. From this point of view, it is advocated that psychoanalysis, as the theory of a clinical practice, must be evaluated by criteria that respect its epistemological specificity: the clinical effects of the psychoanalytic treatment, as well as the impacts of psychoanalysis in culture.

Key words: psychoanalysis, epistemology, revisionism, practice, science.

---

1. Trabalho apresentado na Mesa-redonda *A problemática psicanalítica no debate científico: dos primórdios ao final do século XX*, XXX Reunião Anual de Psicologia da Sociedade Brasileira de Psicologia, Brasília – DF, outubro de 2000.

Endereço para correspondência: Av. Rui Barbosa 532/1101, CEP: 2250-020, Rio de Janeiro – RJ, tel (21)25514268, fax (21)25534778, e-mail ana.rudge@uol.com.br

À memória de Anamaria Ribeiro Coutinho

A psicanálise tem sido, recentemente, atacada a partir das mais diversas direções e com argumentos muitas vezes contraditórios entre si. Por um lado, acusa-se Freud de ter abandonado, por puro oportunismo, a teoria da sedução (e.g., Masson, 1984/1998). Por outro lado, critica-se também a psicanálise freudiana por ter propiciado, justamente com sua teoria da sedução, o movimento da memória recuperada[2]. Esse é o mote de Frederick Crews (1995/1999), professor de Berkeley e autor de inúmeros artigos no *New York Review of Books* de violentos ataques à psicanálise, que lhe valeram, de parte de Rouanet, o epíteto de "o xerife da epistemologia positivista" (Rouanet, 2000, p. 6).

Grande parte da literatura "revisionista" da psicanálise freudiana, interessa-se muito pela história do movimento analítico e protagonistas dos tempos heróicos da psicanálise, alimentando-se do acesso relativamente recente à correspondência de Freud com seus discípulos.[3] Não é mero acaso que vários autores críticos à psicanálise sejam estudiosos de sua história, como Masson (1984/1998), Kerr (1997), Roazen (1971/1978 e 1995/1999) e Macmillan (1991/1995), entre outros.

A institucionalização da psicanálise, que, por vezes, assumiu os ares de uma seita religiosa, os afetos intensos entre os participantes do grupo inicial, assim como as manobras de Freud para manter o controle do saber que nesse grupo se constituía, são vistos como incompatíveis com o estereótipo do pensador sereno e sábio, voltado somente ao cuidado do sofrimento humano; por outro lado, são tomados como indicadores de que Freud distorcia seus dados por conta destas paixões, afastando-se da objetividade e distância necessárias ao verdadeiro cientista.

Embora as críticas à psicanálise sejam freqüentemente contraditórias entre si, trazem todas alguns pressupostos compartilhados. Se os críticos consideram que as relações da psicanálise com história a invalidariam, isto se dá porque o modelo de cientificidade a que se atêm é herdeiro do positivismo lógico. A idealização das ciências da natureza como paradigma da cientificidade que caracteriza este modelo, implica a posição de que a verdadeira ciência não nutre laços com a história, é universal e imutável.

A adesão a este modelo de ciência não é, obviamente, a única razão para os ataques. Às vezes, os argumentos utilizados ultrapassam em muito as fronteiras de um debate intelectual. Frank Cioffi, por exemplo, declara francamente que "a grande discordância quanto ao valor das teorias freudianas não se dá entre os que as julgam refutáveis" (Cioffi, 1998/2000, p. 164) e os que não as julgam assim. A divergência estaria entre os que acreditam nos relatos da experiência clínica, que apóia a teoria freudiana e os que não o fazem. Colocar a questão nesse terreno significa não só manifestar desconfiança quanto ao caráter ou boa fé de Freud, como ampliá-la para todo o grupo dos psicanalistas. Cioffi não se furta a declarar que, além dos contrários à opinião dos "freudianos", há os que "lhes questionam a franqueza" (Cioffi, 1998/2000, p. 164). Insinua-se aqui uma teoria conspiratória, com ressonâncias que não deixam de evocar um delírio paranóico. Segundo esse ponto de vista, os psicanalistas, cuja formação geralmente tem início quando são relativamente jovens, tendo como seu principal elemento a análise pessoal do futuro analista, estariam, há cinco ou seis gerações, dedicando-se a uma atividade que

2. As "terapias da memória recuperada", que, segundo Crews, teriam na psicanálise sua primeira inspiração, deram origem a um grande número de acusações em juízo, possivelmente infundadas, de abuso sexual perpetrado, nos primeiros anos de vida, por progenitores.

3. Na década de sessenta foram publicadas as correspondências com Pfister (1963), Abraham(1965), Andréas-Salomé (1966) e Arnold Zweig (1968) A correspondência entre Freud e Jung só foi publicada em 1974, após demoradas gestões entre as famílias. Mais recentemente, foram publicadas as correspondências entre Freud e Jones, em 1993, e Freud e Ferenczi, em 1994.

consideram sem valor, deliberadamente mentindo ao relatar e elaborar teoricamente sua experiência clínica em congressos e encontros e centenas de publicações dedicadas ao tema.

Cioffi afirma que, se Freud modificou a imagem que o homem tem de si de modo irreversível, isso não tem qualquer valor. Argumenta que não adianta o homem mudar a imagem que tem de si se "essa nova imagem não corresponder melhor a uma realidade que tenha existência independente" (Cioffi, 1998/2000, p. 155). Nem de leve suspeita de que a representação que o homem faz de si mesmo é um fator fundamental e elemento necessariamente integrante de qualquer saber que o tome objeto, já que o determina em seus hábitos e modo de ser.

Os saberes dedicados aos homens, para Cioffi, assim como para todos os líderes do revisionismo freudiano, teriam de se moldar aos modelos de cientificidade pensados a partir das ciências da natureza, na tradição derivada do positivismo lógico. Nessa tradição, a idéia central é a de que existe uma unidade do método científico. Esta posição é compartilhada pelos empiristas lógicos e seu maior crítico, Popper, um racionalista.

O projeto de unidade da ciência sob a égide das ciências da natureza, tomadas como protótipo e ideal, leva necessariamente à desqualificação da psicanálise. Mesmo que esta unidade se restrinja apenas aos métodos – que devem ser semelhantes em qualquer campo científico – ainda assim, a psicanálise mantém diferenças metodológicas irredutíveis em relação às ciências da natureza tomada como modelos.

Não há, entretanto, uma unanimidade quanto a este projeto entre os pensadores da ciência (Kuhn, 1975). Coexistem, no campo da filosofia da ciência, várias propostas diversas e concorrentes quanto ao que seja a atividade científica. A adesão a uma ou outra destas visões acarretará diferentes respostas à questão da cientificidade da psicanálise. O pressuposto que precisa ser esclarecido é a concepção de cientificidade da qual se parte.

Os empiristas lógicos consideram que as proposições com sentido, fontes de conhecimento, são analíticas, puramente lógicas ou proposições verificáveis empiricamente. Quanto a estas, seu sentido é identificado ao método de sua verificação. Só elas podem ser proposições científicas, por serem legítimas afirmativas factuais em oposição às proposições metafísicas, vazias de sentido. Não existe conhecimento sintético a priori, a experiência é o único juiz das teorias científicas. Através dela poderemos concluir que uma proposição é verdadeira ou falsa, e, portanto, tem sentido. O princípio da verificabilidade preconiza que só saberemos o sentido da proposição se soubermos em que condições determinar se verdadeira ou falsa.

Essa teoria do sentido como *verificabilidade* foi criticada por Karl Popper. Popper recusa a indução como sendo o método da investigação científica e propõe a *falsificabilidade* como critério de demarcação entre o científico ou não. Existe uma assimetria entre verificação e falsificação. Não se pode, logicamente, verificar de forma conclusiva uma proposição universal por meio da experiência, mas pode-se demonstrá-la falsa por um evento que a contradiga. Portanto, uma teoria só pode ser considerada científica se dela se puderem derivar predições arriscadas ou improváveis, que possam ser demonstradas falsas por algum evento. Testar uma teoria é uma tentativa de refutá-la ou prová-la falsa. A brilhante demonstração crítica de Popper não minora o fato de que ele, apesar de recusar a idéia de que possa haver uma observação não instrumentada por teorias, compartilha, até certo ponto com o empirismo lógico, o projeto da unidade do método científico sob a égide das ciências da natureza. Desta forma, sua posição quanto à psicanálise não deixa margens à dúvida. A psicanálise, assim como a metafísica, não é falsificável. Não se presta à elaboração de previsões testáveis que possam refutá-la de forma conclusiva e, portanto, não é ciência.

Na verdade, Popper não considera que se possa fazer predições no campo das ditas ciências humanas e sociais. Sua crítica ao historicista é a de que este toma os casos de profecias das ciências naturais e tenta transpô-los ao campo da história e sociedades. Entretanto nem mesmo no caso das ciências da natureza, essas predições claras são a norma; só se

aplicam a sistemas isolados, estacionários e repetitivos. Os acontecimentos da história são únicos, mutáveis, não se repetem; a idéia de predição, nesse campo, é falaciosa. Diz Popper que "o fato de que predigamos eclipses não nos fornece uma razão válida para esperar que possamos prever revoluções" (Popper, 1969, p. 340).

Ora, se predições exatas não podem ser feitas na história humana, já que é constituída por eventos singulares, não é de admirar que o objeto da psicanálise também não se preste a isso. Popper, entretanto, certamente não se oporia à relevância da história como um ramo do saber. Da mesma forma, a questão com relação à psicanálise, não é se é ciência dentro dos moldes da ciência da natureza, mas se pode almejar a ser considerada como um saber valioso.

Um dos recursos dos defensores da psicanálise, ante os ataques de procedência neopositivista, tem sido recorrer à clássica distinção devida a Dilthey (1883/1989) entre ciências da natureza e do espírito e concepção dessas últimas como sendo de ordem hermenêutica. Têm para isso boas razões. A proposta de Dilthey provém de sua recusa a atrelar as ciências humanas e sociais ao ideal metodológico das ciências naturais, valorizando as ciências humanas como interpretativas e inseparáveis da história, já que o homem e suas instituições são concebidos como historicamente determinados, mutáveis e contingentes.

De um certo ponto de vista, o campo definido por Dilthey como das ciências humanas acolhe a psicanálise, interpretativa, lida com a singularidade de cada sujeito e tem a história como um de seus parâmetros absolutamente fundamentais, como o demonstra todo o valor fundador do psiquismo que Freud concede às experiências da primeira infância.

A saída hermenêutica para o impasse da cientificidade da psicanálise, entretanto, não encontra respaldo nos escritos de seu fundador. Quando Freud, imerso na cultura de uma época e região em que as propostas de Dilthey eram sobejamente conhecidas pelos estudiosos e pesquisadores, aproximava a psicanálise das ciências da natureza, seu objetivo era defender a psicanálise da possibilidade de que a incluíssem entre as *Geisteswissenschaften* (ciências humanas, na partição proposta por Dilthey), considerando-a puramente hermenêutica.

Contrariamente à interpretação de muitos pesquisadores, Freud não aproximava o objeto da psicanálise do objeto das ciências naturais (Barros, 1971/1998). Seu apregoado positivismo fundamenta-se apenas no fato de que, em termos metodológicos, recusava-se a reduzir sua proposta a um empreendimento hermenêutico, de vez que não buscava exclusivamente a compreensão, mas também explicação causal, propondo, a partir do singular, construtos com inequívoca pretensão à universalidade, como inconsciente, recalque, resistência e transferência.

Em sua correspondência com Einstein, por exemplo, Freud lhe assegura que seus respectivos campos não são tão diversos, de vez que ambos lançam mãos de construções para dar conta do campo de fenômenos com os quais têm de se haver. Além de alinhar-se a uma concepção decididamente não empirista do conhecimento científico, o que está evidente, não apenas nesta ocasião, mas em várias apreciações sobre o estatuto do campo de saber que fundava, Freud se posicionava em relação a um debate que tem retornado, desde então, sob roupagens variadas.

O impacto causado pelo livro de Ricoeur (1965), *De l'Interprétation,* é um excelente exemplo da recorrência dessa questão em nosso campo. Ricoeur propunha, nesse alentado estudo, valorizar a vertente hermenêutica do empreendimento freudiano, assim como abandonar a metapsicologia, sua vertente explicativa, posição da qual, confrontado com críticas muito pertinentes a este trabalho, como a de Tort (1976), retrocedeu.

Nas discussões atuais, no campo do revisionismo freudiano, ressurge este tema, reproduzindo-se um tipo de debate reportado ao século passado. Os defensores da psicanálise argumentam e cobertos de razão, que os homens são, fundamentalmente, produtores e intérpretes de sentido e o saber dos campos da história, cultura e homem jamais poderá aspirar a métodos de

validação tão inequívocos quanto os da física experimental.[4]

Por outro lado, a psicanálise também resiste a uma simples inclusão no campo dos saberes hermenêuticos. A interpretação psicanalítica não deve ser confundida com a atividade de interpretação que, cada vez mais se reconhece, é parte integrante de toda e qualquer interação humana, mesmo a mais cotidiana, assim como o solo de todo o campo das ciências humanas e sociais. Ela tem uma especificidade, que resulta de seu compromisso com a teoria metapsicológica cujos fundamentos foram ditados por Freud.

Podemos concluir, portanto, que a dicotomia proposta por Dilthey não dá conta do problema da especificidade epistemológica da psicanálise, já que esta não se acomoda confortavelmente em qualquer um de seus pólos.

Tanto epistemólogos franceses (Bachelard, 1940/1970, 1949/1970 e Koyré, 1940/1980, 1973/1982), quanto Kuhn (1962/1975), no mundo anglo-saxão, apesar das diferenças entre suas teorias, propõem que, mesmo dentro do campo das ciências da natureza, não faz sentido preconizar um método único ou ideal. Se o objeto da ciência é considerado uma construção social e não um dado, a idéia de continuidade entre os vários campos científicos ou a de uma unidade metodológica não se sustenta.[5] Cada área do saber tem parâmetros próprios para avaliar seu objeto e método adequado e os diferentes campos científicos ou paradigmas são incomensuráveis.

A concepção do que seja a atividade científica defendida por estes pensadores é bastante menos conflitante com as reivindicações da psicanálise de constituir uma disciplina científica que a concepção neopositivista de ciência. Em excelente artigo, em que toma como referência a teoria de Kuhn sobre a atividade científica, Pacheco Filho (2000) defende a cientificidade da psicanálise, demonstrando, com sólidos argumentos, que se pode encontrar, ao longo da obra freudiana, exemplos da prática de *solução de enigmas ou "quebra-cabeças"* orientados pelo paradigma psicanalítico. Embora Kuhn haja recusado explicitamente a cientificidade da Psicanálise, Pacheco toma sua versão do que seja a atividade científica para demonstrar o oposto.

No debate sobre a cientificidade da psicanálise, que dificilmente encontrará alguma resposta conclusiva, penso que há de se levar em conta um dado fundamental na história do pensamento psicanalítico: a psicanálise é um campo que se construiu, não a partir da cuidadosa observação de algum fenômeno na área humana, mas da intervenção clínica na neurose. Freud jamais desconheceu que essa característica histórica e epistemológica da psicanálise a afastava de qualquer cânone que pudesse regular as ciências naturais, assim como a desqualificava perante os ideais positivistas. O roteiro de sua investigação o alheava irremediavelmente desta tradição. Ainda em 1909, Freud se desobriga a verificar ou falsificar sua teoria, defendendo a especificidade de sua construção. Diz ele: "A psicanálise não é uma investigação científica imparcial, mas uma medida terapêutica. Sua essência não é provar nada, mas meramente alterar algo" (Freud, 1909/1975, p. 104).

A psicanálise é uma prática clínica e a teoria desta prática. É interessante designá-la como prática teorizada, para que não se perca de vista que a prática clínica não é o lugar de aplicação da teoria, mas o próprio solo do qual a teoria pôde surgir. Este é um ponto de vista aceito por psicanalistas de diferentes orientações teóricas (ver Celes, 2000a, 2000b). Não se trata, portanto, de uma teoria sobre o homem ou comportamento, mas um processo de tratamento e as respostas que temos não são a perguntas experimentais, como na ciência da natureza, mas em relação a quais os efeitos de intervenções e interpretações feitas pelo analista dentro de uma estratégia de condução do tratamento.

---

4. O trabalho de Lear, Jonathan (1998), é um bom exemplo desta argumentação por parte de um "aliado" nos debates, chamados de "guerras freudianas".

5. Kuhn foi profundamente influenciado pelos Estudos Galileanos de Koyré, que leu em 1947, além de por Quine e Sellars. Publica, em 1957, o trabalho A revolução copernicana, em que a influência de Koyré, epistemólogo nascido na Rússia mas residente em Paris, é particularmente clara (apud Delacampagne, 1997).

Em seu esforço por trazer uma clarificação epistemológica à psicanálise, a contribuição de Lacan foi importante. Insistindo na estrutura da situação psicanalítica como sendo o terreno de onde emerge a teoria, esse autor sustentou acirrada polêmica com a psicologia do ego, corrente que, embora liderada por psicanalistas europeus, encontrou grande acolhida em solo americano, ao propor, como seu objeto, o comportamento humano.

A escolha do comportamento humano como objeto sem dúvida responde à ilusão, como a que sustenta todo behaviorismo, que o comportamento humano se presta a ser tratado com objetividade, como o comportamento dos astros ou elétrons. Sem desconsiderar a importância de muitas de suas contribuições, não resta dúvida de que os psicólogos do ego foram lutadores na batalha por conformar a psicanálise aos ideais neopositivistas de ciência, granjeando para ela maior reconhecimento. O esforço a que se dedicaram para demonstrar que a psicanálise seria verificável ou falsificável foi uma demonstração de desperdício de talento em batalhas inglórias. Certamente não tiveram êxito nessa tentativa: jamais conseguiram "elevar" a psicanálise ao padrão de teste experimental preconizado por esta corrente filosófica e presente na atividade científica no campo das ciências naturais. Por outro lado, nesta tentativa, correram o risco de diluir a contribuição específica que a psicanálise trazia.

A investigação analítica tem seu lugar privilegiado exatamente na situação de tratamento psicanalítico. Mas a elaboração teórica não se atém ao caso clínico singular, não se limita a uma teoria do caso, mas supõe o cotejar de casos clínicos diversos, permitindo elaborar conceitos de maior amplitude. Foi o que fez Freud ao enfileirar vários analisandos seus que apresentaram, de formas variadas, fantasias expressas numa mesma fórmula – bate-se numa criança – e elaborar o conceito de uma fantasia fundamental. A importância da circulação de idéias dentro da comunidade psicanalítica é, neste contexto, fundamental.

Enfatizar que a situação analítica é o *locus* privilegiado de investigação na psicanálise não significa invalidar ou descartar outras abordagens que não o método clínico psicanalítico, como as representadas nos diversos estudos de resultados que a IPA vêm compilando sob a inspiração de Otto Kernberg (Fonagy, 1999), mas apenas hierarquizar estas abordagens. Este psicanalista se preocupa em promover programas de investigação que angariem para a Psicanálise, que tantos ataques tem recebido nos EUA, maior credibilidade entre público em geral e especializado, dentro do qual são especialmente citados no texto os profissionais das "ciências duras". Dentro de um projeto de "política externa", buscam-se procedimentos para "obter provas cuja utilidade seja aceita por outras disciplinas" (Fonagy, 1999, p. 10).

Meu objetivo, aqui, entretanto, é circunscrever a especificidade do saber psicanalítico, que não tem por que ser obscurecida pelo apego a um ideal de cientificidade alheio a seu campo. Ao esclarecer que a psicanálise não visa provar nada, mas tratar, Freud desautoriza de saída todas as tentativas que se fez de tomar a interpretação psicanalítica como situação de teste da teoria equivalente à situação experimental nas ciências da natureza. Ao invés da impessoalidade e assepsia da situação experimental, que deve poder ser repetida por qualquer pesquisador com os mesmos resultados, o analista está incluído até o pescoço nas estratégias e táticas de condução do tratamento. Seus atos são avaliados a *posteriori*, pelas mudanças de posição do analisando que possam advir e não poderão ser reproduzidos porque se dão num encontro singular, no qual o sujeito está em questão.

As referências de Lacan à ética da psicanálise, embora interpretadas, o mais das vezes, como uma chamada à responsabilidade do analista em relação a seus atos, o que delineia a simpática imagem de um mestre Lacan apontando-nos o caminho da virtude, são, na verdade, uma tomada de posição quanto ao estatuto epistemológico da psicanálise. Ética,

política e psicanálise se aproximam como saberes práticos.

Aristóteles distingue duas virtudes intelectuais: saber teórico (*sophia*) e saber prático (*phronesis*) (Allan, 1983 p. 153). Não é só na investigação teórica que a atividade racional consiste, mas na avaliação dos fins e implementação desses fins nas situações concretas de forma a transformar a vida humana no sentido da felicidade.

Recentemente, ressurgiu o interesse em Aristóteles (ver Berti, 1997; Perelman, 1988) e uma reabilitação da filosofia prática[6], que teria sido abandonada sob a influência do positivismo.[7] As reflexões filosóficas sobre *praxis*, como ética e política, são retomadas, num movimento contra a separação entre conhecimento e ação e a favor de uma ética fundada na razão. Sem a razão sobre os fins, sem reflexão sobre a sabedoria da ação, o objeto da filosofia prática se perde, reduzindo-se dignidade e alcance dos campos da política, direito, ética e, sem dúvida, psicanálise.

Essa reabilitação vem recolocar a questão do ato humano dentro do domínio da razão, que não deve ser reduzida apenas aos problemas do conhecimento, como o foi sob a influência do positivismo (o que se reflete nas críticas à psicanálise mencionadas). A razão também preside os julgamentos sobre valores e escolhas, sobre ato humano e seus efeitos.

Tomar a psicanálise como prática teorizada é considerá-la externa ao campo das ciências naturais e alheia de direito aos critérios de verificação experimental pelos quais tem sido avaliada e a partir dos quais é criticada. Situá-la no campo dos saberes práticos, como ética ou política, significa ressaltar a avaliação dos atos e seus efeitos como em questão nesta prática. A partir dos efeitos dos atos do analista em sua clínica e psicanálise na cultura é possível julgar o saber psicanalítico.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Allan, D. J. (1983). *A filosofia de Aristóteles*. Lisboa: Presença.

Bachelard, G. (1970). *La philosophie du non*. Paris: Presses Universitaires de France (Trabalho original publicado em 1940).

Bachelard, G. (1970). *Le racionalisme appliqué*. Paris: Presses Universitaires de France (Trabalho original publicado em 1949).

Barros, C. P. (1998). Conceitos termodinâmicos e evolucionistas na estrutura formal da metapsicologia freudiana. *Cadernos do Tempo Psicanalitico, 3*, 13-52 (Trabalho original publicado em 1971).

Berti, E. (1997). *Aristóteles no século XX*. São Paulo: Edições Loyola (Trabalho original publicado em 1992).

Celes, L. A. (2000a). Da psicanálise à metapsicologia: Uma reflexão metodológica. *Pulsional Revista de Psicanálise, 133*, 7-17.

Celes, L. A. (2000b). Aspectos metodológicos da construção da psicanálise. *Alter, 19*, 309-320

Cioffi, F. (2000). A controvérsia freudiana: O que está em questão? Em M. Roth (org.), *Freud conflito e cultura* (pp.155-164).Rio de Janeiro: Jorge Zahar (Trabalho original publicado em 1998).

Crews, F. (1999). *As guerras da memória – o legado de Freud em cheque*. São Paulo: Paz e Terra (Trabalho original publicado em 1995).

Delacampagne, C. (1997). *História da Filosofia no século XX*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar (Trabalho original publicado em 1995).

Dilthey, W. (1989). Introduction to the human sciences. Em *Selected Works* (Vol. 1). Princeton: Princeton University Press (Trabalho original publicado em 1883).

6. M. Riedel organizou uma coletânea em dois volumes, *Rehabilitierung der praktischen Philosophie*, Freiburg i. B. 1972-1974 sobre este tema.

7. Berti mostra como a filosofia de Aristóteles continuou dominante nas universidades européias até o séc XVIII, especialmente no que se refere à filosofia prática: ética, política e também retórica e poética e, no séc XX, sua presença se faz notar nas obras de Heidegger, filosofia analítica inglesa. Nos anos 60 e 70, surge uma retomada da filosofia prática na Europa, com Gadamer, Ritter, Perelman, Toulmin, Apel, Habermas e outros.

Fonagy, P. (1999). Una revision de puertas abiertas de los estudios de resultados en psicanalisis. Informe preparado por el Comité de Investigacion de la APIA site da IPA *http://eseries.ipa.org.uk/prev/research/R-outcome.htm*

Freud, S. (1975). Analysis of a phobia of a five-year-old boy. Em S. Freud, *The Standard Edition of The Complete Psychologycal Works of Sigmund Freud* (S.E.) (Vol. 20, p. 3-152). London: The Hogarth Press (Trabalho original publicado em 1909).

Kerr, J. (1997). *Um método muito perigoso – Jung, Freud e Sabina Spielrein: A história ignorada dos primeiros anos da Psicanálise*. Rio de Janeiro: Imago.

Koyré, A. (1980). *Études galiléennes*. Paris: Hermann (Trabalho original publicado em 1940).

Koyré, A. (1982). *Estudos de história do pensamento científico*. Rio de Janeiro: Forense-Universitária (Trabalho original publicado em 1973).

Kuhn, T.(1975). *A estrutura das revoluções científicas*. São Paulo: Perspectiva. (Trabalho original publicado em 1962).

Lear, J. (1998). *Open minded: Working out the logic of the soul*. Harvard: Harvard University Press.

Macmillan, M. (1995). *Freud evaluated: The completed arc*. Cambridge/London: Massachusetts/The Mit Press (Originalmente publicado em 1991).

Masson, J. M. (1998). *The assault on truth – Freud's supression of the seduction theory*. New York: Pocket Books (Originalmente publicado em 1984).

Pacheco Filho, R. A. (2000). O método de Freud para produzir conhecimento: Revolução na investigação dos fenômenos psíquicos? Em R. Pacheco Filho, N. Coelho Jr., M. D. Rosa (orgs.), *Ciência, pesquisa, representação e realidade em Psicanálise* (pp. 235-270). São Paulo: Casa do Psicólogo.

Perelman, C. (1988). *L'empire rhétorique*. Paris: Vrin.

Popper, K. (1969). *Conjectures and refutations, the growth of scientific knowledge*. London: Routledge.

Ricoeur, P. (1965). *De l'Interprétation – essai sur Freud*. Paris: Seuil

Roazen, P. (1978). *Freud e seus discípulos*. São Paulo: Cultrix (Trabalho original publicado em 1971).

Roazen, P. (1999). *Como Freud trabalhava*. São Paulo: Cia das Letras (Trabalho original publicado em 1995).

Rouanet, S. P. (2000). Exposição Freud. *Caderno Mais!, Folha de São Paulo*, 10/09/2000, p. 6.

Tort, M. (1976). *La Interpretación o la máquina hermenéutica*. Buenos Aires: Nueva Visión.

Recebido em: 15/11/2000
Aceito em: 15/05/2003